

Rasteiras, desequilíbrios e esquivas no Novo Ensino Médio: a invenção de um currículo com a capoeira

Flávio Nunes dos Santos Júnior

O presente relato traz a percepção de um professor sobre as aulas vividas e sentidas ao longo do segundo semestre no interior das aulas de Educação Física sensível à perspectiva cultural com uma turma de terceira série do Ensino Médio. Encontros ocorridos na escola estadual Prof Tenente Ariston de Oliveira, localizada na região do Capão Redondo, mais precisamente no Jardim das Rosas.

O primeiro semestre de 2023 foi desafiador para todos e todas, colocamos na pauta das aulas um tema que até o momento ninguém tinha experimentado, discutido e apreciado nas aulas de Educação Física, o xadrez. Com a volta do recesso vimos a chance de persistir com a mesmo sentimento. Todavia, imergindo em outras águas, inserir nos encontros uma prática corporal que pudesse colocar em pauta saberes outros, memórias outras, experiências outras. Como começar? Por onde ir? Eis os incômodos.

Abriu-se uma roda de conversa com os/as presentes para refletirmos acerca da presença da cultura afro-brasileira e africana na formação escolar dos/das estudantes presentes. As respostas relatadas davam conta de que, ao longo do Ensino Fundamental, as/os discentes tiveram uma larga escassez de oportunidade para aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. Em suas vagas lembranças, mencionaram ter ocorrido algumas atividades pontuais nas aulas de história, outras foram inseridas no calendário como forma de atender a pauta étnico-racial localizada no mês de novembro. Em relação à Educação Física, expressaram que em momento algum foi dada a chance de vivenciar e dialogar de forma aprofundada.

As expressões instaladas nos rostos daqueles e daquelas que estavam sentados/as transmitiam um sentimento de lamentação pela situação. Pareciam ter se dado conta da carência presente na formação. A população brasileira tem em sua maioria pessoas negras. Por que não se tem nas aulas um conteúdo que dialogue com a cultura de matriz africana e afro-brasileira? O bairro onde moramos tem uma maioria de pessoas negras, por que não damos atenção aos saberes e memórias da cultura africana e afro-brasileira? Perguntas jogadas no meio da roda que fizeram apenas ecoar o silêncio, não se tinham

respostas. “Mas professor as aulas de Educação Física eram dahora, tinha futebol direto. A gente jogava muito”.

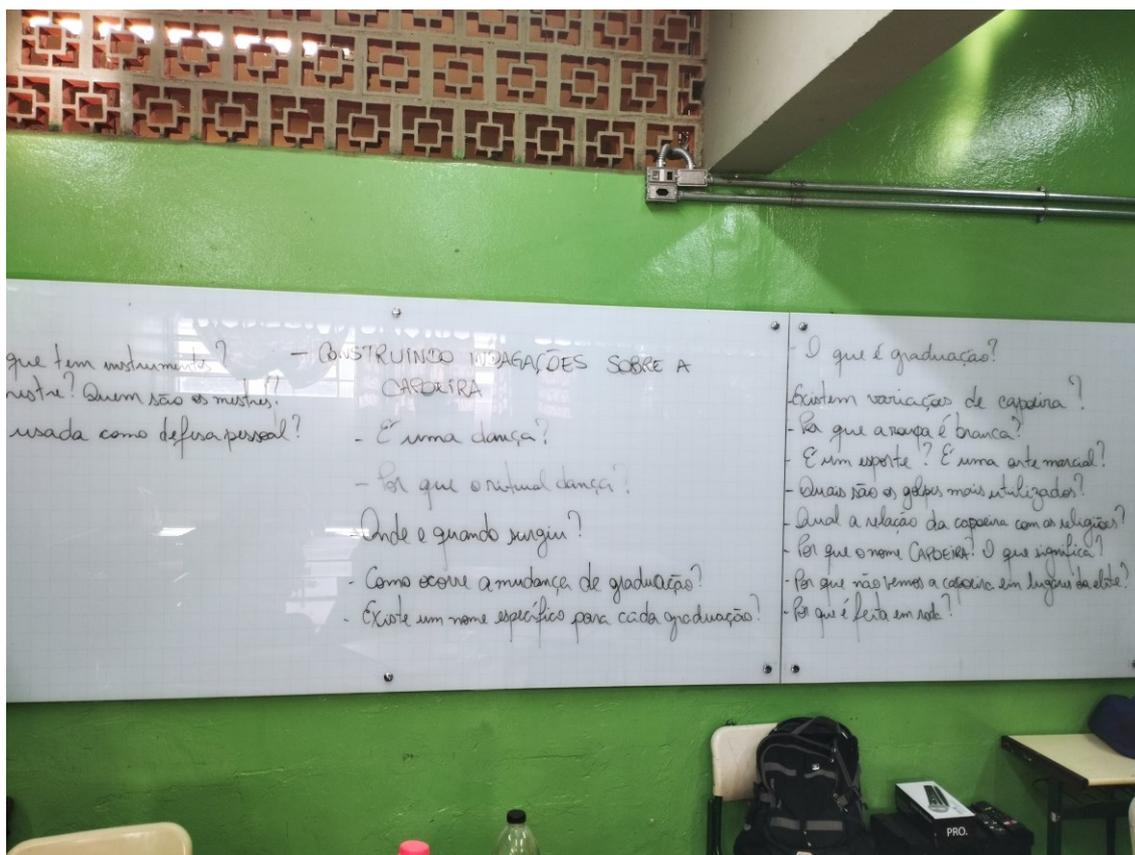
Ao perguntar aos/às presentes se tivera tomado contato com alguma prática corporal de matriz africana e afro-brasileira, disseram já ter feito capoeira. Iago e Raissa mencionaram ter participado de aulas na EMEF Iracema com o mestre Balanço. De acordo com os dois se tratava de aulas ofertadas voluntariamente pelo morador do bairro, no fim da tarde de terça e quinta, para crianças e adolescentes, sem vínculo algum com as atividades encaminhadas pela instituição. Iago disse não frequentar mais, porém ainda realiza em casa sozinho sempre que possível.

A questão ainda não tinha se dado a contento, parecia que o grupo estava reduzindo uma cultura tão rica apenas à capoeira. Não que essa prática tenha pouca relevância, longe disso. A cultura afro-brasileira é funk, é maracatu, é frevo, é samba, é maculelê, e muito mais. Funk e samba são muito presentes no cotidiano de todos, seja ouvindo no aparelho smartphone que possuem ou presenciando amigos/as, vizinhos/as, familiares escutando nos mais variados modos.

Em meio às reflexões, escolheu-se a capoeira como tema para as aulas com o desafio de borrar o domínio de práticas ligadas à cultura euro-estadunidense. “Então a gente não vai para quadra de novo?” “Ah não professor, e aquele volezinho?” “E o fute?” Emergiram caras de insatisfação, mas também de espanto e surpresa. Relembrei ao grupo a fala feita nos primeiros dias de aula no mês de fevereiro sobre a vontade de se fazer das aulas de Educação Física um espaço para vivenciar e debater assuntos ainda não tratados e de um jeito também pouco experimentado.

O grupo foi convidado a criar indagações de forma coletiva sobre a ocorrência da capoeira, registrava-se na lousa enquanto os/as estudantes enunciavam suas dúvidas e inquietações.

Imagem 01: atividade de mapeamento



Fonte: arquivos do próprio autor

Como parte do trabalho, fez-se o movimento de identificar na unidade estudantes que realizam a capoeira em seu no cotidiano. Com a proposta de fazer da aula um momento de troca a partir das vozes de quem carrega nas entranhas de seus corpos os significados, as gestualidades, os valores, os conhecimentos que compõem a capoeira. Tal iniciativa se deu em virtude de um sarau realizado no primeiro semestre pelos estudantes. Na ocasião dois estudantes pediram espaço para fazer uma apresentação de capoeira. O momento foi surpreendente, no seu decorrer as pessoas presentes se sentiram tocadas, passaram a entrar na cena, sentiram-se contagiadas. Aquilo que fora iniciado por duas já tinha cerca de dez, tudo sem ensaio, afastado de qualquer planejamento. Era da ordem do inesperado, do espontâneo. Parecia que os corpos se conectavam com o som emitido pelos aparelhos. Entrava um e sai outro. Palmas e gritos se emitiam por quem assistia. Um encontro celebratório.

Ao encontrá-los/as abriu-se o convite para participar das aulas com a terceira série C. Aceitaram a proposta sem titubear. Imediatamente pediu-se a liberação de cada um aos/às docentes responsáveis por suas turmas, que carinhosamente a concederam. Assim, combinamos o momento da participação.

Chegado ao dia e horário, os convidados pareciam ter se entusiasmado, alegraram nunca ter tido a oportunidade para participar de algo parecido no interior da aula de Educação Física e nem de qualquer outro componente. O encontro se deu na quadra, os estudantes Erick e Wanderson do nono ano, Jeferson e Emilly da terceira série A, e Eduardo e Guilherme da segunda série pareciam ansiosos para partilharem suas experiências e seus conhecimentos a respeito do tema. Expôs-se à turma o motivo da presença das pessoas convidadas. Para parte dos/das educandos/das, a figura docente era vista como soberana, a única voz legitimada e capaz de transferir um conhecimento entendido como verdadeiro. Talvez isso seja um efeito das experiências obtidas em outras circunstâncias. Portanto, as marcas da tradição escolar fizeram impor a necessidade de elucidar a importância de acessar as narrativas enunciadas pelos representantes, pessoas que vivem no corpo as singularidades da prática corporal em tela.

Influenciados/as pelas indagações produzidas inicialmente, sentamo-nos em roda. Pontuamos os lugares onde a capoeira ocorre na comunidade, os convidados e a convidada falaram sobre os territórios onde praticam: Parque Fernanda, Associação no Irapiranga, EMEF Iracema Marques e Pequeno Mestre. Posteriormente salientaram o nome dos mestres e professores responsáveis pelos projetos – Balanço, Daniel Koteban, Guerreiro, Bulldog.

Emergiu o assunto coletivo. Grupo Quilombo e Abadá-Capoeira, coletivos frequentados pelos estudantes. Guilherme mencionou pertencer ao Abadá-Capoeira (Associação Brasileira de apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira), tomando aulas com o professor Bulldog, o coletivo tem a figura do mestre Camisa como maior liderança. Wanderson e Erick disseram pertencer ao Grupo Quilombo, atualmente tocado pelo mestre Guerreiro, que tem como fundador Daniel Koteban.

A ocasião nos levou a recuperar o debate feito durante a tematização de xadrez, na qual identificamos que a prática também é composta pela figura do mestre, não tendo sequer uma pessoa nesta qualidade no nosso bairro. Wanderson disse que seu tio é mestre, morador da comunidade há anos. Erick fez questão de mencionar nomes de outras pessoas. Guilherme pronunciou que o projeto do qual participa é comandado por um professor. Isso levou o grupo a perguntar a diferença entre professor e mestre.

Seguindo o fio, Guilherme expôs o significado da graduação, bem como a sua organização, indicando as diferenças entre crianças e adultos. Mencionou a existência da

corda enquanto objeto símbolo do percurso trilhado por cada representante. Na sua explicação foi possível perceber que pessoas mais velhas tem um tempo mais abreviado para mudar de corda ou graduação. As crianças além de ter período prolongado, passa por um número maior de cordas. E toda mudança é realizada mediante um momento festivo do grupo. Ele ainda destacou o batizado, entre outras coisas, trata-se de um evento voltado para atribuir corda para quem está iniciando na capoeira. Eduardo complementou dizendo que todo praticante recebe um apelido durante o batizado e o carrega por onde for, sendo uma espécie de identidade. Guilherme ainda frisou que o tempo para mudar de corda é extenso, a formação de mestres é um trabalho longo e árduo, exige muita dedicação e acúmulo de experiência por parte do praticante. Complementando a informação, Wanderson destacou que de 20 a 30 anos de capoeira são precisos para se tornar mestre. Guilherme salientou que muitos morrem antes de conseguir.

Ao falar sobre a trajetória pessoal, Guilherme disse que está na última graduação de aluno, e que pratica capoeira há sete anos; Wanderson está há 8 anos; Raissa teve idas e vindas, iniciou, parou e agora está retomando; Erick iniciou com 6 anos. Iago disse ter realizado por cinco anos.

A invenção da capoeira foi outro ponto que compôs a conversa. De acordo com o grupo a capoeira nasce como uma luta. Todavia, os escravizados inseriram musicalidade, tratando-a muitas vezes como uma dança, com o propósito de ludibriar, ou camuflar (palavra do Jefferson), a fim de realizá-la sem qualquer intervenção, uma vez que eram cerceados constantemente. Luiza destacou que, no olhar do europeu, a prática era considerada perigosa, pois os deixavam resistentes e violentos. Ela ainda mencionou que diversas foram as táticas lançadas pelos colonizadores para arrefecer o poder de resistência dos negros, uma delas foi a mistura de grupos étnicos.

Entrou na pauta o movimento do momento presente, de fazer da capoeira um esporte. Guilherme disse já ter participado de campeonatos. Erick comentou que na mesma semana iria numa competição em Diadema. O grupo pediu para que explicassem a forma como os campeonatos são organizados. Nas palavras de Erick existe uma pontuação, ganhando o/a participante que tiver a mais expressiva. Guilherme complementou afirmando a existência de um jurado composto por mestres e professores, os participantes são avaliados pelos gestos que realizam. Eduardo deixou escapar que Guilherme já foi campeão. O grupo já estava impressionado com tanto conhecimento por parte dos convidados, com essa informação ficou mais ainda.

Guilherme pontuou que o grupo ao qual pertence tem representantes em diversos lugares do Brasil e do mundo, como, EUA, Rússia, Espanha, Israel, Portugal, Alemanha. Portanto, a turma identificou que a capoeira é uma invenção brasileira e que ganhou espaço em outros territórios, o que suscitou o lançamento das seguintes indagações: a capoeira que acontece aqui é a mesma que é produzida nesses outros países? Se não é, quais ressignificações possivelmente a capoeira ganhou? O que russos, norte-americanos, alemães incrementaram na capoeira?

Mexidos por essas questões e inflamados por este volume de significados, conhecimento e memórias, levantamo-nos para promover a roda. Restavam poucos minutos. Alegaram a necessidade da música, é ela quem anima. Sem a presença dos instrumentos, sugeriram o uso do celular. Wanderson escolheu uma bem agitada, e logo chamou os colegas. Erick se sentiu tocado e imediatamente foi para o meio, formou-se o par. A energia do momento se propagou, e no decorrer, parte dos presentes adentram, fazem o jogo. Os demais passaram a bater palmas. Perna sobe e desce, mão que apoia no chão e depois é levada à frente do rosto, o corpo balança, flutua. Guilherme tira Wanderson, com Erick, desenvolve seu jogo com demasiada leveza. Eduardo entra, pede licença para Erick que já estava desde o início, e com Guilherme, parceiro de grupo Abadá, promove sua gestualidade. Wanderson retorna, dá folga para Guilherme, troca com Eduardo, e realiza uma sequência de movimentos carregada de elasticidade, equilíbrio e saltos. No meio de tanta magia, o encontro termina, mas a chama permaneceu acesa com a promessa de iluminar um novo momento ainda porvir.

Imagem 02: mosaico vivência de capoeira





Fonte: arquivos do próprio autor

A aula seguinte se iniciou com a retomada dos pontos discutidos na ocasião anterior, com abertura de convite para os/as presentes enunciarem as gestualidades, e qualquer outra observação, presentes na roda com a participação de Guilherme, Wanderson, Erick e Jeferson, elencamos:

- Tesoura;
- Aú sem mãos;
- Descida básica;
- Martelo;
- Queixada lateral;
- Meia lua de compasso;
- Armada martelo;
- Esquiva;
- Ginga;
- Queixada.

Questionei o grupo se já tinha assistido presencialmente uma roda capoeira. Alguns estudantes mencionaram já ter visto uma roda na estação Capão Redondo da linha lilás do metrô. Erick afirmou que seu grupo estava responsável pela atividade, seu mestre colocou como proposta uma roda de capoeira por mês nas dependências do metrô. Outros/as destacaram a EMEF Iracema. Por outro lado, alguns pontuaram que jamais tiveram a oportunidade, sendo a aula anterior o único momento em suas vidas em que tomaram contato.

Dialogou-se a respeito dos elementos que compõem a roda. Os estudantes destacaram a musicalidade. Raissa falou que não consegue jogar sem música. Erick e Wanderson argumentaram que não tem nenhum problema com a ausência de musicalidade, conseguem jogar normalmente. De acordo com eles, uma roda sem o toque dos instrumentos e canção é chamada de “roda seca”. Alguns discentes fizeram menção a termos buscando se referir aos instrumentos: chocalho, varetinha, tambor.

Erick, Jeferson e Wanderson foram provocados a demarcarem o modo como tais elementos são nomeados, sem titubear enunciaram: baqueta, caxixi, atabaque, agogô, berimbau. De modo inesperado, o assunto religião pintou na cena. Perguntei se os representantes presentes sabiam tocar todos os instrumentos elencados, Jeferson disse que não tocava atabaque nas rodas de capoeira, que seu envolvimento se dá apenas no terreiro. Kauan, em seguida esboçou um comentário pejorativo, disse que Jeferson tocava tambor no centro de macumba. O clima ficou um pouco desconfortável, Kauan se viu numa situação constrangedora, tentou se explicar, o máximo que conseguiu foi se atrapalhar ainda mais. Teve de ouvir que seu comentário carregava doses de preconceito e desinformação sobre a ocorrência das religiões de matrizes africana, situação que se coaduna com a violência histórica dirigida aos negros/as. Raissa pegou embalo para comentar uma situação vivida. O pastor da igreja em que frequentava a intimou dizendo que deveria escolher entre permanecer na igreja ou frequentar a capoeira, as duas coisas eram incompatíveis. Ela optou por ficar na capoeira, uma prática que iniciou por influência do pai, que em virtude de sua saúde debilitada teve de se afastar, mas ela segue praticando - “Ele está bem velhinho, não joga mais”. A fala fez entrar no radar o corpo que joga, dança e luta, imediatamente veio a pergunta - “Mas velho não joga capoeira?”. Ao perceber a restrição que estava colocando, assumiu que na capoeira existe sim pessoas idosas, mas que seu pai se encontra ausente por conta de sua saúde.

Passamos a falar de outro componente, qual seja, a vestimenta. Erick compareceu com parte do seu abadá – calça e corda. Logo de cara emergiu a pergunta - “Por que a roupa é branca?”. De forma sucinta, Erick explicou apenas que a roupa usada pelo seu grupo é na cor branca. Ao mostrar a corda, disse se encontrar na sétima graduação, enquanto o mestre do grupo utiliza uma branca. Isso fez surgir outra questão: “mas quando começa não usa uma corda branca também?”. Erick disse que iniciante utiliza uma corda chamada de crua, tonalidade bem diferente. Wanderson pontuou que no grupo dele a corda do mestre é preta. A fala dos dois deixou explícita a existência de uma diferenciação a respeito da identificação das cordas, com cada grupo se organizando de um jeito.

Voltou-se ao assunto música. Os convidados destacaram que a musicalidade dá o tom da roda, inspiram os capoeiras a promoverem seu jogo. As letras que a compõem carregam uma história dos negros escravizados, do mestre do grupo e até mesmo da própria capoeira. Em suma, a musicalidade e a letra ressaltam as memórias, as

experiências e os conhecimentos dos representantes da capoeira, de seus ancestrais e contemporâneos.

Estando acomodados na quadra, conectamos o smartphone na caixa de som e escolhemos uma música para iniciar a vivência. Erick e Wanderson era um entrosamento só, jogavam com muita facilidade e sorriso estampado no rosto, parceria forte. Jefferson entrou em cena, jogou com Wanderson. Raissa pediu licença, para Jefferson, ginga, balança, se equilibra, se protege, eleva as pernas, sua coragem e ousadia pelo jogo deixa alguns de boca aberta e encantado. O frio não foi o bastante para impedir a roda, o calor da capoeira predominou, causando uma ebulição na produção de novas experiências.

Imagem 03: mosaico do segundo momento de vivência



Fonte: arquivos do próprio autor

Alguns estudantes pareciam muito incomodados com o que estava acontecendo. Tinha quem ficava voltado para o fundo da sala, de cabeça baixa e com fone na orelha. Uma postura que beirava ao desaforo. Daniel, por exemplo, dizia não ter interesse algum em estudar a capoeira, por isso passava boa parte da aula envolvido na leitura ou escuta da bíblia. Henrique e Roberto, por desejarem atividades na quadra, ficavam de costas para os/as demais, aparentemente conversando sobre assuntos aleatórios, sem nenhum nexos com o tema abordado. Tinha quem ficava de cabeça baixa dormindo. Nos deslocamentos para quadra, eram constantes as fugas, alguns permaneciam dentro da sala, outros ficavam pelos corredores. Quando questionados diziam: “ah, eu me perdi”; “eu não gosto de

capoeira”; “vou lá fazer o quê?” A despeito disso, também se via um movimento contrário, estudantes de outras turmas desejando assistir e participar das atividades.

Mais uma vez na fala de algumas/alguns estudantes foi possível ouvir a falta de oportunidade em presenciar uma roda de capoeira – “eu nunca vi uma roda de capoeira”; “a primeira vez que vi capoeira foi na aula”. Enunciado que motivou a reforçar ainda mais as razões de escolha do tema. Fez-se o esforço em destacar que a roda de capoeira era algo constante no cotidiano das pessoas que habitavam a região na década de 1990. A rua era o espaço mais usado para promoção das rodas durante os finais de semana. A celebração era frequentada por homens, mulheres, crianças, adultos, adolescentes, idosos. Tinha quem ia apenas para assistir a roda. Uma marca na história da comunidade.

Como forma de fortalecer o engajamento dos/das estudantes no trabalho e reduzir as fugas, reforçou-se a necessidade e a importância de exposição das interpretações por parte dos/das presentes para aquilo que estava sendo vivido. Indiquei que a fala enunciada nos encontros é quem dita o caminho a ser trilhado e permite uma reflexão coletiva sobre o tema. Não havendo o que temer, as informações ditas seriam problematizadas, de modo a fazer da aula o espaço privilegiado para sanar possíveis dúvidas e ressignificar olhares deturpados acerca da ocorrência da capoeira.

Entrou no radar o diálogo sobre a relação língua e capoeira. Em uma das aulas as/os estudantes perguntaram sobre a origem dos nomes que produzem a capoeira. A conversa foi guiada por um elemento apresentado em encontro anterior e que compõe o nome do grupo o qual alguns estudantes pertencem, qual seja, o abadá. Assim, a discussão foi balizada pelo seguinte fragmento:

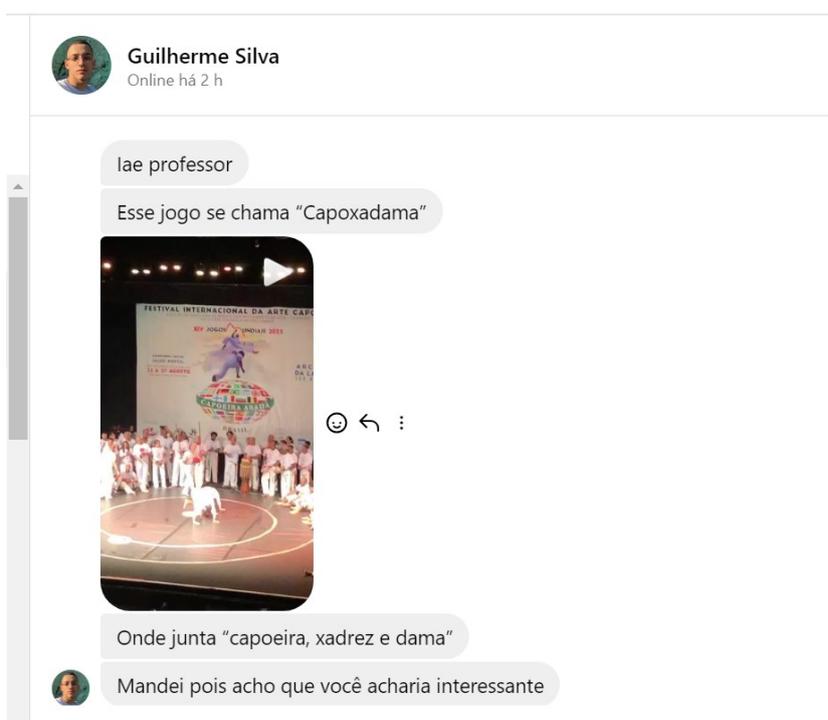
- **Abadá** pode se referir a vários itens de vestuário: um tipo de bata ou túnica branca usada pelos muçulmanos que aportavam no Brasil como escravos, o uniforme dos trabalhadores portuários no Brasil, as calças usadas pelos capoeiristas ou uma camisa vendida em um carnaval (geralmente uma regata) ou produção teatral para promover o evento.
- É uma palavra de origem africana, do iorubá, trazida pelos negros malês para a Bahia.
- Assim também é chamada, até hoje, a indumentária dos capoeiristas. É provável que essa bata que servia as orações também vestisse os jogadores da capoeira durante suas rodas.

O texto nos permitiu inferir que a capoeira se produz mediante uma hibridização de línguas. As expressões do colonizador se misturaram com a do colonizado. Conheceu-se a existência da língua africana iorubá e de seus falantes, os malês, bem como a sua

influência na composição dos nomes de artefatos que estão presentes na luta afro-brasileira.

Recuperou-se a discussão que tange a musicalidade, realizando a assistência de um vídeo indicado pelo Guilherme. No final de semana antecedente à aula, Guilherme me enviou, pela rede social Instagram, um vídeo relacionado ao Encontro Mundial de Capoeira do grupo Abadá realizado no Rio de Janeiro, buscando indicar como a música cantada e tocada dita o ritmo do jogo colocado em prática. De autoria de um dos mestres do coletivo, o jogo denominado “[Capoxadama](#)” faz alusão a capoeira, xadrez e dama. Curiosamente, as três manifestações compuseram o tema das aulas ao longo do ano letivo.

Imagem 04: print de conversa pela rede social Instagram



Fonte: arquivos do próprio autor

Guilherme explicou sobre a organização do evento e a característica do jogo capoxadama. Entre tantas observações, disse se tratar de uma atividade que congrega capoeiristas de vários países ligados ao grupo Abadá. Aproveitando o embalo, passamos a visualizar vídeos que demonstravam a ocorrência da capoeira envolvida por outras culturas.

Destaque para a assistência do vídeo [Judeus ultraortodoxos: jogam capoeira em Israel](#). Os estudantes se demonstraram atônitos. Daniel foi quem mais externou o espanto,

fez uma relação com os estudos que vinha realizando paralelamente ao horário da escola. Disse que estava aprendendo hebraico, pediu para escrever na lousa capoeira nesta língua. Como estávamos sem giz, Gabi¹ sugeriu a escrita no caderno com posterior circulação entre os presentes. Daniel explicou a roupa usada pelos judeus, pois a turma identificou que se apresentava de forma diferente daquela usada pelos praticantes brasileiros. Guilherme apresentou o abadá que utiliza nas aulas e nos eventos de seu grupo. O assunto corda rendeu, comentei que estava com dificuldade de identificar com precisão as cores, supondo que o uso e a lavagem tinham o deixado de com tamanho desgaste. Guilherme disse que estava na graduação laranja-azul, prestes a graduar-se, a última graduação de aluno. Mas antes, com Erick e Wanderson, deram uma leve gargalhada dizendo: “não se lava corda não”. Nas palavras deles, o desgaste se deve única e exclusivamente por conta do manuseio e utilização, sendo um sinal de experiência do/da praticante, ou seja, quanto mais surrada maior é o tempo de caminhada na capoeira.

Ao sinalizar diferenças existentes entre a indumentária usada pelos judeus e pelos brasileiros, Daniel argumentou que Judeus também utilizam cordas por debaixo da calça, ao todo são oito, cada uma contendo um significado próprio. Com o avançar da hora, a discussão foi pausada para dirigirmos à quadra a fim de realizar vivência. No caminho, Daniel quis esticar o assunto da religião. Disse que ultimamente estava empenhado em aprender mais a respeito da cultura dos judeus porque percebeu algumas influências em sua família. Mostrou um anel que carrega no dedo diariamente, dizendo ser símbolo da comunidade judaica. De acordo com ele, sua vó contava que em determinado momento do dia seu bisavô passava a expressar palavras confusas, parecia falar em outra língua. Conhecer a ancestralidade, na sua concepção, tem assumido relevância, uma vez que, dentro da cultura judaica, entender a história familiar permite fazer uma melhor leitura do presente.

O vídeo pareceu ter tocado Daniel de forma muito significativa, não tinha qualquer conhecimento sobre seu envolvimento com a cultura judaica. A exposição do material fez reverberar de forma mais intensa o impensável. Ressaltei a relevância de seus comentários e o quanto estava contribuindo para a troca de conhecimentos entre todos os presentes. Fiz isso porque Daniel pertencia a um grupo de estudantes que escapava, procurou-me em aula anterior para falar que não estava tão interessado no tema e que não

¹ Neste encontro tivemos a honra de contar com a presença de Gabi, Michel e Vitor, estudantes da graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

queria acompanhar as discussões e as vivências. As fugas das aulas se davam de maneira constante, era necessário encontrar uma forma de atrair a atenção. Aparentemente, Daniel parece ter se identificado com algo na capoeira.

Na quadra fizemos a roda no meio. Dispusemos os bancos no centro. Discutimos sobre os diferentes tipos de capoeira: regional e angola. Sinalizamos as diferenças, especialmente no que diz respeito aos gestos e músicas. Wanderson pediu a música São Bento Grande. Guilherme chamou os/as estagiários/as para a roda. Bárbara e Michel fizeram uma demonstração de capoeira angola. Um estudante ficou afastado, fazendo a ginga de uma forma nada habilidosa, dizendo “eu manjo, olha aqui”, mas quando chamado para ir à roda se recusou.

Imagem 05: vivência com estagiários



Fonte: arquivos do próprio autor

Bárbara e Michel, graduandos em Educação Física, compartilharam com o grupo uma parcela de seus conhecimentos adquiridos dentro das aulas do curso. Demonstraram um jogo de capoeira Angola. Escolheram a música, abaixaram-se de frente um para o outro. Com uma gestualidade e um estilo peculiar, os movimentos se deram mais rasteiros e lentos, mãos no chão e pernas subindo. Qualquer vacilo, é possível sofrer um desequilíbrio.

Eduardo e Guilherme indicaram uma conversa com o professor responsável pelo projeto de capoeira frequentado por eles. Disse que seria uma honra poder recebê-lo na unidade para realização de atividade. Logo sugeriram fazer contato pela rede social Instagram. E assim procedi, ao encontrar seu perfil, disparei mensagem apresentando-me

e expondo o trabalho que estávamos realizando com a turma de Ensino Médio. Felizmente, Bulldog se animou com a proposta e colocou-se à disposição para uma troca nas dependências da escola, e logo agendamos a data e horário do encontro.

Chegado o dia da atividade, Bulldog apontou à porta da unidade, e não foi sozinho. Compareceu acompanhado por mais três pessoas: Borboleta, Mariposa e Cronos. Borboleta e Mariposa são irmãs gêmeas, a presença delas no ambiente borrou uma imagem criada, qual seja, a inserção feminina. Recebi-os/as na porta e os/as apresentei à equipe gestora, em seguida passei pelas salas chamando as turmas envolvidas para dirigirmos à quadra. Formamos uma grande roda na quadra. Expus ao grupo de estudantes a importância do momento, de ouvir representantes da prática corporal em tela. Já estávamos fazendo tal movimento junto com Wanderson, Guilherme, Eduardo, Jeferson e Erick, mas dessa vez nos encontrávamos diante de alguém que acumulou sabedoria por décadas, disseminando-a em diferentes lugares. Apresentei o professor Bulldog, sem dar muitos detalhes de sua caminhada, e passei a palavra para que pudesse fazer a exposição que achasse melhor. Influenciado pelas discussões quinzenais do GPEF, resolvi gravar o áudio do encontro para não ficar preocupado com anotações de falas ou gestos do momento. A vontade era apenas de me entregar por inteiro ao momento.

Responsável pelo projeto desenvolvido na comunidade do Parque Fernanda, Bulldog saudou a todos/as e comentou a respeito da alegria de participar da atividade, apresentou-se e anunciou as/os acompanhantes. Fez questão de mencionar que o momento seria construído para o fomento de trocas e não transferências, mesmo ele estando na condição de autoridade do assunto estaria ocupando a condição de aprendiz.

O contexto de invenção da capoeira. “Para quem não sabe, os senhores de engenho não compravam escravos da mesma tribo, compravam de tribos diferentes, justamente, para que eles tivessem dificuldade de se comunicar e assim dificultar as fugas. Então, nessa forma para dificultar, na verdade, eles acabaram juntando culturas diferentes, e onde essas culturas formaram a capoeira”.

Capoeira é história, é cultura: “A cultura é toda a história que nosso povo agrega durante anos. Então aquele que não conhece a sua cultura, não conhece a sua história. É extremamente importante. Na Europa, uma coisa muito importante é eles passarem a história do seu país. Aqui no Brasil, nós muitas vezes esquecemos dessa história. Então,

nem todo brasileiro devia fazer capoeira, mas todo brasileiro tem que conhecer a capoeira. É importante, faz parte da nossa história”.

Capoeira, é luta, é dança ou é esporte? Pergunta uma estudante. “Infelizmente as competições no nosso país não são mais amplas, a capoeira não está nas olimpíadas hoje, justamente porque muitos capoeiristas vivem para não está. Quantas vezes você viu, aconteceu um caso de um medalhista, aqui no Brasil, que ele não tinha lugar para treinar, não tinha uma alimentação [adequada], não tinha uma bolsa atleta e mesmo assim ele foi lá e apareceu, ganhou uma medalha. Então nós capoeiristas, nós lutamos, a capoeira sempre foi uma luta de resistência, nós lutamos para não sermos usados pelo sistema. Para que a capoeira não seja apenas uma ferramenta do sistema. A gente passa quatro anos trabalhando nosso treinamento aqui no jardim, aqui no parque Fernanda e aí daqui quatro anos vai ser lembrado. Então é importante a gente se valorizar, você ter o seu valor, nós participamos de competições [...]. No final do mês passado, aconteceram os jogos mundiais... Então, nós temos jogos regionais, mundiais e internacionais, temos os jogos europeus, os jogos brasileiros, jogos paulistas, do Rio de Janeiro, acontecem essas competições, dependem muito do tamanho que a sua escola avança, a nossa escola tomou uma proporção muito grande, então nós temos jogos maiores [...]. Hoje nós temos uma competição chamada Volta ao Mundo, na última competição premiou 50 mil”. “[...] tem uma frase que define a capoeira. A capoeira é o que o momento determina. Ela pode ser luta, ela pode ser jogo, ela pode ser esporte, ela pode ser uma expressão corporal. Então a capoeira é tudo que o momento determina. Se determinar que seja luta, vai ser luta, se determinar que seja um jogo, vai ser um jogo. [...] A parte da capoeira onde ela se mostra luta é porque é necessário ser luta.

Estudante pede elucidações acerca do significado do nome capoeira. “veio da área rural, e como a área rural tem muita vegetação e a vegetação rasteira, capoeira: mata baixa”. Ele explica também que o nome da prática corporal pode estar relacionado ao fato do carregamento de cestos pelos escravizados. Enfatiza também que documentos históricos dão conta de que a capoeira surge do meio urbano e não rural.

Um estudante solicita explicações sobre a organização da competição. “A competição hoje é dividida por peso, por graduação e por sexo. Durante um tempo, todo mundo misturava, mas para evitar acidentes, acabaram fazendo essa divisão. Então nós temos três pesos que são os nomes dos berimbaus: o gunga, o médio e o viola. E aí nós temos as categorias acima de 86 quilos, acima de 96 quilos e abaixo de 86 quilos. E o que

define são os nossos conhecimentos de capoeira, técnica, o desenvolvimento do jogo, a improvisação, essas coisas trabalhadas dentro do jogo, a visão, uma esquivada bem-feita. Então tudo isso trabalhado dentro do jogo, vai contando ponto”.

Uma educanda pergunta sobre o porquê dos apelidos. Bulldog explica que os apelidos eram uma forma dos praticantes camuflarem seu envolvimento com a prática da capoeira. Ele exemplifica: “A Cida, por exemplo, filha de uma pessoa importante na sociedade, ela não podia praticar a capoeira, então uma forma de camuflar, dava um apelido para ela, ‘Brasileira’”. Adotar um apelido estava associada com a possibilidade de poder circular pelas rodas de capoeira, de modo a reduzir as chances de receber qualquer punição.

Utilização das habilidades da capoeira em brigas. Bulldog responde fazendo alusão a outras artes marciais enquanto recurso de defesa pessoal: “A partir do momento que você usa uma luta como defesa, é totalmente permitido, você não pode agredir o outro, mas defesa, a partir do momento que a sua vida está em perigo, alguma coisa ou alguma pessoa apresenta um risco para a sua integridade física, pode usar qualquer luta, assim como a capoeira.”.

A produção das músicas. “Tudo que é da capoeira, é produzido dentro da capoeira. Então a composição da capoeira são os próprios capoeiristas que fazem, e as músicas da capoeira podem contar uma história que aconteceu, pode iniciar um desafio, posso desafiar o outro numa música de capoeira, e os próprios compositores são os capoeiristas, por quê? Para que não seja uma coisa usada por outro [...]. Por exemplo, o vínculo que essa música tem é diretamente com a capoeira, por exemplo, eu conto a história de um mestre antigo, de um jogo que aconteceu, conto a história da escravidão, posso contar, muitas vezes, uma história de superação, de esforço, de dedicação”.

Como emergiu o interesse do convidado pela capoeira. “Há muitos anos, tinha um filme chamado karatê kid que era com um rapaz chamado Daniel San, e eu brigava muito com meu irmão mais velho, muito, muito mesmo. E aí eu assisti o filme e tive a brilhante ideia de fazer a luta para brigar com meu irmão. ‘vou fazer karatê para brigar com meu irmão’. E aí cheguei em um clube, lá em Santo Amaro, em meados de 96, e fui fazer karatê. Cheguei lá, o rapaz disse que o horário do karatê é no horário que você estuda, então só tem capoeira a tarde, nunca tinha visto, nunca tinha ouvido falar, e aí eu peguei e fui lá na capoeira, fui e me apaixonei, me encantei e acabei me tornando professor de

capoeira, sou profissional da capoeira, vivo da capoeira [...]”. Bulldog conta que seu nome foi inspirado em um capoeirista. Seu pai saiu para registrá-lo com um nome e voltou com outro, que era de um capoeirista [...].

“Quanto tempo demora para você se tornar mestre de capoeira? Quanto tempo de treinamento?” Uma estudante pergunta. “Isso é muito variável, porque vai muito de escola para escola. Antigamente era uma coisa mais rápida. Por exemplo, na escola que eu faço parte tem uma valorização muito grande das graduações, então, para você se tornar mestre demora muitos anos”.

Discriminação e preconceito na ocorrência da capoeira. “Muito menor, hoje em dia, o capoeirista brasileiro, ele é recebido em outro país como uma pessoa importante. Como que a gente podia pensar isso há trinta anos”.

Pergunta sobre a ordem da [graduação e cor das cordas](#). “A capoeira não tem nenhum órgão que padroniza a graduação da capoeira. Não tem nenhum órgão. Então, tem até um caso de um rapaz que é de outra escola que tem uma graduação diferente da nossa. A reforma da capoeira, o mestre, ele se inspirou nos elementos da natureza, a ordem começa com uma corda X, que é uma criança aprendendo a engatinhar, corda laranja que é o sol nascente, corda azul, imensidão do mar, corda verde, a floresta, corda roxa, a pedra ametista, corda marrom, o camaleão, corda vermelha, o rubi, e corda branca, o diamante. E entre essas existem as cordas intermediárias, entre uma e outra”.

Uma estudante fala sobre o que aprendeu nas aulas em relação aos tipos de capoeira e pergunta - “Qual o tipo de capoeira que você pratica e qual a diferença entre elas?”. “Não é que não existe só um tipo, capoeira é capoeira, mas dentro da capoeira, nós temos ramificações de estilos. Por exemplo, nós temos a capoeira angola, que é uma capoeira mais lenta, mas, vamos dizer, mais folclórica, não deixa de ser perigosa. E tem a capoeira regional. A capoeira regional é uma capoeira mais marcial, e hoje nosso mestre tenta criar uma capoeira, a Abadá, que é uma capoeira com determinadas especificações para a capoeira, tendo assim uma terceira ramificação”.

“Tem algo na capoeira que é considerado desonroso?” - uma estudante pergunta. “Desonroso? Claro, com certeza. A capoeira, ela não tem regras, tá. Você fala assim, o cara deu um soco no outro, deu um tapa na cara do outro [...]. A capoeira não tem regra alguma. Pode dar uma mordida? Pode. Mas a capoeira tem ética. Até onde vai essa ética? Por exemplo, é desonroso você fazer um jogo mais duro, um jogo firme com alguém que

seja mais fraco que você. Isso é desonroso. É proibido? Não, mas é desonroso. Uma pessoa que é menos graduada, uma pessoa que não tem uma condição. Isso leva para a vida, tá? A vitória, o que valoriza ela é seu adversário”.

A participação das mulheres na capoeira. A estudante Luiza relembra uma discussão tecida no primeiro semestre, qual seja, as dificuldades das mulheres no jiu-jitsu, para lançar as seguintes indagações: “As mulheres têm dificuldade de ter espaço na capoeira? É mais difícil para a mulher conquistar espaço do que o homem?” Bulldog dá espaço para uma de suas alunas, Mariposa. Palavras dela: “Sim, com certeza, é muito mais difícil por causa do machismo, que ainda tem na capoeira, mas, agora, hoje em dia, a gente tem muito mais visibilidade, também tem bastante inspirações dentro da capoeira, várias outras mulheres fazem, mas, com certeza, é muito menos que os homens”. Luiza coloca outra pergunta: “Você já passou por alguma situação que já te fez sentir desvalorizada ou desmerecida por ser mulher na capoeira?” Mariposa: “Sim, porque nas rodas de capoeira, se a gente não tiver ali a coragem, digamos assim de entrar, tipo os homens passam na sua frente sem nenhum respeito, mas sempre tem que ter aquela coragem”.

A conversa fluiu de modo muito tranquilo, o tempo foi implacável, voou. O grupo ouvia atentamente a fala dos convidados, as questões surgiram conforme o andar do diálogo. Todavia, a ansiedade por ver o jogo, a roda, tomava conta de uns. Murmuravam em meus ouvidos: “Professor Flávio, tá bom, agora queremos ver a roda”. “Pede para ele fazer umas demonstrações”. Fiz apelo ao Bulldog, ele pareceu se animar. Anuncia a pretensão de promover uma parte individual (solo da capoeira) e outra em grupo, mas antes indaga: “Por que a capoeira é realizada em círculo?” Uma estudante sugere ser por conta de uma organização, a qual permite os participantes se olharem. Bulldog complementa: “O círculo é uma herança africana. Muitas coisas na África acontecem em círculo para que a energia circule dentro do local”. O toque e o canto começam, acompanhados de muitas palmas.

Imagem 06: quadro de vivência – demonstração solo



Fonte: arquivos do próprio autor

Os sons do berimbau e do atabaque se embrenhavam com as palmas, e junto com a canção cantada por Bulldog pareciam transmitir a energia aos corpos de quem ousadamente se colocava à frente. A realização dos gestos foi inspirada pelo clima, convidados/as e estudantes se misturaram nas demonstrações. Um/a por vez, ao seu modo e singularidade, performaram aquilo que desejavam. Os olhos estudantis testemunharam um conjunto de gestualidade composta por saltos, deslocamentos, posição de equilíbrio, ginga. O momento foi tomado pela apreciação, não se buscou fazer uso da cognição para esmiuçá-lo.

Perguntei acerca do gesto de saudação ao berimbau feito pelos jogadores antes de iniciar o jogo. “Tudo na capoeira tá envolto desse instrumento. Esse instrumento, é o berimbau. Nós temos três tipos de berimbaus: viola, médio e gunga. Esse aqui é o berimbau gunga, esse é quem comanda a roda. Geralmente, a capoeira é uma sociedade

e tá tudo envolto dele. Para começar uma roda, sempre se inicia ao pé do berimbau, e é do berimbau gunga. Então sempre que vai começar uma roda de capoeira, os dois jogadores abaixam ao pé do berimbau, faz parte do ritual da capoeira”. Bulldog explica também que a saída do jogador pode ser com o abaixar do berimbau, mas em casos de jogadores/as mais experientes, a saída pode se dá a partir do momento em que o coro é respondido.

A ocorrência da capoeira nas dependências da estação Capão Redondo da Linha Lilás pairou no ar. “No seu perfil do Insta tem uma postagem de roda na estação do metrô. E muitos estudantes disseram ter visto pela primeira vez uma roda enquanto estavam passando por lá. O que motivou vocês a irem lá no metrô para fazer a roda?”. Bulldog responde: “Existe uma frase que diz o seguinte: se o povo não vai até a capoeira, a capoeira vai até o povo, então, nós temos a obrigação de levar... A capoeira, tem uma coisa legal de falar, é a maior divulgadora da língua portuguesa no mundo, não existe tradução dos golpes da capoeira, nem para as músicas da capoeira, o que é cantado aqui, é cantado em qualquer lugar do mundo. Então, os nomes dos golpes da capoeira, os movimentos, é tudo em português [...]. Hoje nós temos diversos alunos que começaram iguais a mim, de projeto social, hoje estão na Europa dando aula, fazendo sua vida dessa vida. Assim como eu também saí de um projeto social, mantenho minha vida financeira com a capoeira. É por obrigação retribuir isso e você tem que manter a capoeira, dá acesso ao povo, então a pessoa passa lá, olha a roda de capoeira, conhece a capoeira, tem manifestações da capoeira lá, como o maculelê, o jongo, o samba de roda, e eles conhecem um pouco mais da capoeira e às vezes naquele pequeno contato, eles passam a ter uma visão diferente da capoeira.

Os/As estudantes passam a desejar vê-lo jogar, para minha surpresa, um coro se inicia para que eu jogasse com ele. Com receio, desassossego, frio na barriga e preocupação, fui. Nunca tinha feito nada igual. Bulldog foi acolhedor, criou uma descontração. Ficamos abaixados na frente do berimbau, entramos para o meio. Ele fazendo “Au”, eu, de um jeito desconjuntado, me desloquei gingando. Bulldog indicava os gestos a serem feitos – “Sobe a perna”; “Abaixa” –, o que deixou a coisa mais leve. Dentro de poucos minutos o suor já escorria, parecia que estava ali por horas. O jogo finalizou, cumprimentamo-nos e fomos saudados com uma salva de palmas.

Tendo em vista as discussões em aula, sugeri uma fala sobre o “Atabaque”. “Estamos diante de um instrumento de comunicação. O atabaque é um tipo de tambor e

na África, o tambor era muito utilizado como meio para se comunicar também. Hoje nós temos os celulares”. Bulldog fala que o instrumento em determinada época foi retirado da capoeira, uma forma de camuflá-la, de dissociá-la do contexto religioso, mas confessa ser muito comum as pessoas fazerem relação com a umbanda e o candomblé. Destaca a diferença estética entre o atabaque da capoeira e aquele usado na religião. Salaria que a capoeira também congrega pessoas evangélicas e católicas. Cita que ele próprio não segue nenhuma, mas costuma ler a bíblia sempre que pode, de modo a cultivar sua própria interpretação, pois as religiões, influenciadas pelo pensamento europeu, têm se aproveitado para impor um único olhar a respeito do livro.

Uma estudante apresenta indagação acerca do candomblé e da umbanda: “Todas são de matriz africana, mais ou menos, o candomblé, não posso falar com propriedade porque não sou da religião, tenho as minhas crenças, mas não acredito muito em religiões, eu sou totalmente contra tudo aquilo que prende o homem fisicamente, mentalmente ou espiritualmente, sou totalmente contra, acho que é assim, nossa vida é a nossa liberdade. Das religiões, todas elas têm ramificações africanas e isso daqui [atabaque] faz parte da história do africano, então ele trouxe junto com as suas religiões, com as suas crenças, por isso. A capoeira não tem ligação nenhuma com religião”.

Bulldog tece as considerações, agradece a atenção da turma e destaca a relevância do momento. “Extremamente importante quando a gente vem falar de algo e você vê que o público se interessou. Isso é de extrema importância. Eu abri mão de algumas aulas, vou ter que repor essas aulas para poder fazer isso, porque é extremamente importante esse trabalho de conscientização do nosso povo sobre a nossa história. Espero que tenha sido produtivo para vocês, espero que daqui pra frente possam ver a capoeira de forma diferente, possam dar maior crédito a ela e quem tiver interesse em conhecer, procure um local de aula, vai lá conhece, porque é extremamente importante, é..”

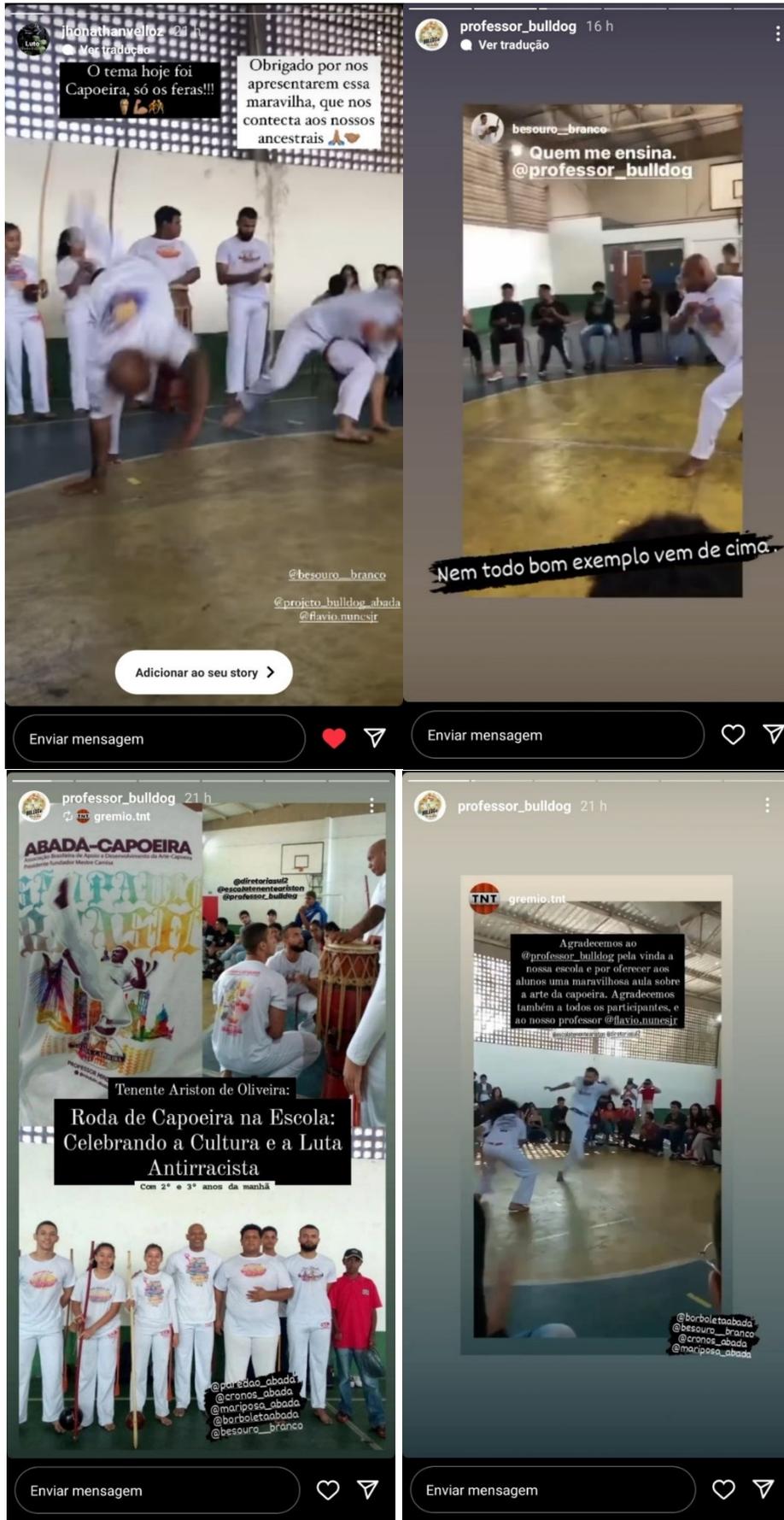
Agradei a presença de Bulldog e seus alunos. Destaquei a importância do encontro como oportunidade de tomar contato com outros conhecimentos e produzir outras experiências. Atento para uma educação antirracista, de modo desbaratar as constantes falas depreciativas voltadas aos corpos negros que se ouvia pelos espaços da escola – “seu macaco” -, frisei: “Que vocês possam desconfiar de condutas que venham discriminar uma pessoa, que saiba que chamar uma pessoa de macaco ou usar a vida das pessoas negras para fazer piadas, para fazer humor, que não pode ser bem-vinda, não pode ser engraçada, é preconceito, a gente tem que combater, e a proposta de tematizar a

capoeira, trazer as pessoas aqui, é de justamente fazer com que a gente reflita um pouco sobre essa cultura que é muito viva, que constitui a nossa vida, a nossa história”.

No retorno à sala alguns estudantes agradeceram a oportunidade de vivenciar o momento. Iago disse ter gostado bastante - “professor, deu até uma animada agora. Eu treino sozinho em casa. Foi bom lembrar o tempo de capoeira”. Algumas garotas teceram comentários de elogio a respeito da atuação e engajamento de Mariposa e Borboleta. Outras pessoas enunciaram palavras de espanto para a desenvoltura e sabedoria do professor Bulldog. Teve quem enalteceu o conjunto de gestualidade e musicalidade produzido.

Horas depois do encontro, a rede social Instagram continha alguns registros. Perfil de convidados, estudantes e grêmios estudantis sinalizavam um pouco dos efeitos. Fotos e vídeos da vivência foram pendurados junto com alguns breves escritos. Frases de agradecimento a todos/as os/as envolvidos/as e enunciações da pauta colocada deram a tônica das postagens.

Imagem 07: quadro com prints de postagens na rede social Instagram



Fonte: arquivos do próprio autor

Saída ao Parque Ibirapuera

Entre tantas as coisas a se fazer, uma saída para vivenciar as práticas corporais tematizadas ao longo do ano, quais sejam, capoeira, corrida, calistenia. A atividade não aconteceu no dia exatamente, foi antecedida por diálogos com familiares, estudantes e gestão. Em uma das reuniões de família, aqueles encontros previstos ao final de bimestre para reclamar junto aos responsáveis pelos/as estudantes os casos de indisciplina, comentei a possibilidade de fazer uma visita a algum parque público para as turmas vivenciarem a prática corporal estudada em um cenário totalmente contrário ao de costume. Alguns se queixaram da falta de oportunidade, levantaram a dificuldade de levarem seus/suas filhos/as a esses espaços por conta das demandas domésticas, profissionais, familiares etc. em geral, fizeram uma fala de apoio e incentivo à saída.

O trabalho visava cultivar a valorização e o apreço por aquilo que é público. Dialoguei com a gestão da unidade, que consentiu à proposta e firmou apoio. Em seguida, conversei com os/as principais participantes, ao ouvirem atentamente a ideia, responderam com entusiasmo, indicando nunca terem saído para o espaço mencionado, de modo a fazer atividade dirigida pela escola. Infelizmente tivemos condições para contratar apenas um ônibus. Mapeei os/as interessados e entreguei as autorizações para assinatura dos/das responsáveis. Sabendo que alguns não tinham condições para adquirir lanche, providenciei uva, banana, maçã, barrinho de cereal, suco, água e bolo, tudo para nutrir o funcionamento biológico do corpo.

Chegado o dia da saída, a escola estava agitada, os/as envolvidos se acomodaram em uma das salas de aula, portando mochilas e um pouco de ansiedade pelo rolê. O ônibus apontou à frente da unidade por volta das 7h. Fizemos uma breve chamada de quem estava presente e logo embarcamos com todos os pertences.

Era uma segunda feira, horário nada agradável para transitar pelas avenidas de São Paulo. Muitos experimentavam pela primeira vez parte do sufoco vivido cotidianamente por seus familiares, conhecidos e vizinhos para chegarem ao trabalho. O congestionamento estava intenso. A intenção inicial era chegar ao parque às 8h30 e retornar 12h. A animação durante a partida era uma só, um grupo localizado no meio do ônibus puxou uma cantoria de músicas aleatórias. Axé, samba, pagode, sertanejo, forró estavam no meio do repertório. Todavia, a lentidão do trânsito foi produzindo cansaço, um trajeto que poderia ser feito em uma hora, durou mais que o dobro.

O alívio começou a se manifestar quando as placas de sinalização das vias indicavam o nome do parque, precisávamos adentrar pelo portão 10. Ah, uma observação importante. Um dia antes visitei o parque para mapear os espaços onde seriam realizadas as atividades, o local permitido para entrada de grupos maiores, o de estacionamento do ônibus, bem como os recintos mais apropriados para realização das atividades. Voltando ao caso da chegada, com a parada para o desembarque um uníssono “ufa” foi emitido por quase todos. Pegamos todos os pertences, os celulares já foram logo mobilizados para as selfies. Após todos já terem finalizados seus registros, demos início à caminhada para o interior do parque, ao passar pelo portão logo nos acomodamos na frente do Museu Afro. Deixamos as coisas embaixo da árvore, alguns pediram para ir ao banheiro. Em poucos minutos, juntaram-se a nós a professora-pesquisadora Marinete e as graduandas Gabi e Bárbara. O clima estava agradável, temperatura favorável para realizar atividades ao ar livre no parque, não estava aquele calor escaldante e nem um frio de bater os batentes. Apesar de ter sido na primavera, as instabilidades climáticas dos últimos tempos nos levam a crer que tudo é possível quando se trata da cidade de São Paulo.

Todos apostos e reunidos nas dependências do Museu Afro, estávamos comprometidos em fazer a roda de capoeira de frente para uma instituição símbolo da memória do povo negro. Um lugar estrategicamente escolhido. Em meio a uma área de 158 hectares, é especialmente nele onde se promove valorização, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro, bem como a sua influência na cultura do nosso país.

Eduardo e Guilherme ajustaram o berimbau gunga, tomaram emprestado com o professor Bulldog, que gentilmente nos cedeu. Os dois também deram as coordenadas sobre a formação da roda e disposição a ser seguida. Tudo ajustado, fiz uma fala sobre o espaço onde nos encontrávamos e a sua importância para a afirmação de uma cultura que historicamente vem sendo violentada. Guilherme puxa a batida no berimbau, o som animou a todos/as, que devolveram com uma batida de palma no mesmo ritmo. Eduardo e Erick começaram o jogo, no decorrer outras pessoas entraram. A cena se reverberou pelo parque, frequentadores/as e trabalhadoras/es se contagiaram com a energia emitida, ao passar pelo local pararam para observar o movimento, tiraram foto, bateram palma e balançaram o corpo.

A participação foi múltipla. Teve quem preferiu apenas bater palma, teve quem quis jogar, também teve quem fez os dois e teve quem quis apenas apreciar, se perder nos

detalhes. Estudantes que nunca haviam entrado numa roda se sentiram à vontade para jogarem – “professor, quero jogar com você”; “Flávio, vamos nós dois?”. Não se via o esboço de qualquer fala ou comentário de reprovação ou chacota. Muito pelo contrário, observou-se o incentivo e o encorajamento para que todos pudessem jogar conforme suas próprias experiências, de acordo com o jeito que achasse que deveria jogar, sem se preocupar com o certo ou o errado. Alertas para a manutenção das palmas, a coisa não podia arrefecer. Teve muito riso, transpiração, gesto, desafio ao outro, ao próprio corpo. Percebendo a respiração ofegante de muitos e a emissão de um certo cansaço, preparávamos para encaminhar o encerramento. Em meio a entradas e saídas, o arame do berimbau estourou. Foi a deixa para encaminharmos o encerramento da primeira etapa. Guilherme expressou – “já era, o arame estourou. A energia estava muito forte”. Um momento mágico de se ver. Os nutrientes da roda alimentaram a alma. Tomados pela sede e fome, repousamos sob a árvore para reidratar e fazer uma leve refeição. Minutos depois seguimos para as outras atividades programadas: calistenia e corrida.

Imagem 08: quadro de vivência de capoeira no Parque Ibirapuera







Fonte: arquivos do próprio autor

Por ora, a tematização possibilitou borrar o currículo embranquecido que os/as estudantes acessavam. Os significados, valores e saberes da capoeira e de seus representantes coloriram uma educação que se apresentava monocromática. Destaca-se as motivações para escolha do tema: ao longo da trajetória educacional os/as estudantes tinham acessado apenas práticas corporais alinhadas à cultura euro-estadunidense; a comunidade onde a unidade educacional se situa é composta por uma maioria de pessoas negras, gente que migrou para o estado de São Paulo na esperança de constituir uma condição de vida melhor; na turma, bem como na escola havia estudantes praticantes. Assim, escolher uma prática corporal de origem afro-brasileira não foi uma questão técnica, mas sim algo político. Iniciamos o trabalho tecendo coletivamente indagações acerca da ocorrência da capoeira. Sem pretensão de apresentar respostas fixas e fechadas, produzimos um caminho voltado a tomar contato com os significados, valores e artefatos que a compõem em diferentes contextos. Para isso recorreremos à leitura de textos,

vivência, assistência de vídeos, diálogo incessante com os/as representantes e saída da unidade. Portanto, fez-se emergir diante da circunstância do Novo Ensino Médio, um paradigma outro. Abriu-se o convite para tomar contato e produzir conhecimentos outros, tecer um percurso ainda não vivido, a contar por quem escreve este texto. O trabalho fez inventar relações ainda não sentidas, mergulhou no inesperado para fabricar experiências outras.